

**EDITORIAL 1****Letramentos e leitura: reflexões e práticas sobre formação do leitor contemporâneo**

Nas últimas décadas tem crescido a demanda pela leitura e pelo domínio da linguagem escrita em todas as áreas da vida social. Essa demanda envolve o contexto brasileiro e o mundial, que enfatizam o domínio das capacidades de linguagem, em especial as capacidades de leitura, como condição para acesso ao conhecimento, à participação social e ao exercício da cidadania.

Esse cenário tem revelado que professores na Educação Básica e na Educação Superior enfrentam inúmeros desafios no ensino da leitura, como identificado nos resultados das pesquisas nacionais e internacionais. Também é constante a reclamação de professores das diferentes áreas para os professores de língua quanto à dificuldade de muitos alunos na resolução de questões propostas, uma vez que lhes falta compreensão do enunciado.

É bom lembrar que ler textos e/ou enunciados de Geografia, História, Ciências e Matemática, por exemplo, requer não somente desenvolvimento linguístico, mas também conhecimentos específicos da área em questão. Cabe ressaltar, ainda, que o ensino de leitura demanda responsabilidades e compromisso de todo o coletivo como projeto pedagógico da escola.

Embora os resultados da aprendizagem obtidos por meio de avaliações dos sistemas de ensino demonstrem o fracasso escolar na formação de leitores e produtores de texto, pouco se conhece sobre as práticas de ensino de leitura em todos os níveis de ensino.

No entanto, não se pode negar que várias tentativas de modificar essa realidade têm sido feitas, tanto pelas pesquisas críticas quanto pelos que propõem procedimentos alternativos no ensino de leitura que estimule o aluno a desenvolver o senso crítico e a posicionar-se diante de um texto lido, transformando-se num leitor ativo¹. (GOMES, 2017)

Para aprofundar os conhecimentos sobre o ensino de leitura, alguns conceitos teóricos são fundamentais, como o de letramentos diferente em cada contexto e situação, e são inúmeros os que integram direta ou indiretamente a produção e/ou leitura de materiais escritos que circulam socialmente.

Como as práticas de letramento estão associadas a diferentes domínios da atividade humana, elas envolvem valores, atitudes, sentimentos e relações sociais. Contemplar essas

práticas é papel da escola, e se trata de uma questão que acompanha o aluno desde a Educação Básica, passando pela Educação Superior e prosseguindo pela vida social.

Por ser um problema a ser enfrentado, primordialmente, pela escola, principal agência de letramentos, a relação entre o contexto sociocultural e os usos da leitura e da escrita também colocam em discussão a formação docente. Professor leitor é aquele que lê para conhecer, para ficar informado, para aprimorar a sensibilidade estética e também para posicionar-se diante dos fatos e das ideias que circulam *nos* e *por meio* dos textos.

Assim, convém refletir seriamente sobre o papel do professor no ensino e nas práticas de leitura, o que nos remete à afirmação de Vygotsky (1934/1993)² de que eficaz é a aprendizagem na interação, porque as pessoas aprendem melhor não quando alguém lhes diz o que pensar e o que fazer, mas quando são sujeitos de sua própria aprendizagem.

E isso vale também para o professor, que, na interação com o texto, e, com o outro, é também um aprendiz. O professor somente será capaz de contribuir nesse processo quando tiver oportunidade de se tornar aprendiz ativo e colaborativo.

Nesse sentido, o papel do professor tem sido amplamente reconhecido no cenário escolar como um dos principais fatores que interferem na aprendizagem do aluno. O conhecimento pedagógico do professor é defendido como relevante para uma prática bem-sucedida. Cabe acrescentar, ainda, que pesquisas recentes sobre o ensino-aprendizagem passaram a considerar as crenças, as expectativas e as capacidades docentes de professores de forma mais orgânica e integrada à prática pedagógica e seus resultados.

Frente a esse contexto, entende-se que é fundamental que o professor se torne consciente de suas crenças e do efeito delas sobre sua prática e sobre o desempenho dos alunos. Além disso, é importante que ele seja formado pedagogicamente para ampliar seus esquemas de análise, de modo a reconhecer outros fatores que, por estarem mais diretamente sob controle do aluno e de sua atuação, contribuem para o sucesso escolar.

Coerente com essa perspectiva, torna-se relevante ressaltar que historicamente a capacidade de ler sempre foi considerada base à realização dos sujeitos e, atualmente, muitos defendem que o progresso social e econômico de um país depende do acesso aos conhecimentos disponíveis por meio impresso ou digital. E é na escola que é possível identificar evidências do crescimento do público leitor. Mas é também nela que revela – diante dos baixos índices de proficiência em leitura, da ausência de formação específica de muitos professores para trabalhar as questões relativas à proficiência leitora.

Assim, a crise da leitura exige que se aborde o modo como a leitura, livros e leitores vêm sendo tratados na escola. De modo geral, as práticas de leituras nas escolas não estão dando condições ao aluno de participar ativamente das questões sociais. Os dados ainda atestam que no Brasil não se criou uma política pública para a leitura e para o livro que cuidasse da formação do professor.

Nesse cenário, a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*³ afirma que o brasileiro está lendo mais, porém o Brasil está longe de ser um país de leitores. De acordo com a pesquisa, a escola tem importante papel na formação do leitor. Neste estudo evidencia-se, ainda, que “a escola é que faz o Brasil ler. Assim, dos 4,7 livros lidos por habitante/ano, 3,4, incluindo os didáticos, são indicados pela escola”. (ASSUNÇÃO, 2008, p. 89)⁴. Desse modo, constata-se que “o Brasil está estudando e é a partir da escola que os brasileiros entram em contato com o processo de leitura e, por meio dela, acessam os livros, independentemente de sua classe social” (LAZARO; BEAUCHAMP, 2008, p. 74)⁵.

Também, a terceira versão da pesquisa *Retratos da Leitura do Brasil* publicada em 2012 confirma esses dados. De acordo com Failla (2012)⁶, o objetivo foi analisar indicadores que permitam orientar programas e projetos de inclusão cultural da população brasileira, além de identificar fatores que levam à leitura e promovam o acesso ao livro em grande escala (MONTEIRO, 2012, p.1)⁷.

Nesse sentido, fica evidente que o Brasil ainda não atingiu os níveis de leitura satisfatórios para que possa afirmar que temos um público comprometido com a leitura. Constata-se com base nesse estudo que “[...] temos no Brasil 88,2 milhões de leitores, ou seja, 50% da população – 7,4 milhões a menos do que em 2007, quando 55% dos brasileiros se diziam leitores”. (PANSA, 2012, p. 3)⁸

Os dados dessa pesquisa revelam que ainda há mais perguntas que respostas, e dentre elas destacam-se: como despertar na criança e no jovem o gosto pela leitura? Que práticas são efetivas na mediação da leitura? Como formar professores leitores? Qual o percurso para a construção de um país de leitores? O que já alcançamos nesse sentido? O que falta construir? Também reafirmam a demanda por programas direcionados à formação de professores e projetos de incentivo à leitura na escola, promovendo práticas pedagógicas voltadas para o incentivo à proficiência leitora.

Coerente com essa perspectiva, a quarta edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* contribui de modo expressivo para diagnosticar como são e onde estão os leitores do país e, assim, atender suas expectativas e demandas. Como pesquisa referência procura entender e examinar o comportamento leitor e proporcionar bases para a melhoria dos indicadores de qualidade da leitura no Brasil. (FAILLA, 2016)⁹. Nesse sentido, a pesquisa enfatiza o desafio de transformar o Brasil num país leitor. Embora apresente um resultado positivo, os índices revelados estão distantes das metas previstas para um país que está entre as dez potências econômicas mundiais e, em contrapartida apresenta desigualdades sociais, educacionais e culturais.

Como se vê, a questão de que a leitura não pode ser imposta ao aluno e de que o professor é o mediador nesse processo, é uma tarefa complexa, pois é aí que o professor mostra sua competência para motivar o aluno a construir os sentidos do texto.

Nesse sentido, o professor pode estimular o aluno a desenvolver capacidades que vão permitir que ele construa significado, mesmo com base em textos mais complexos. Deverá, é claro, escolher textos que sejam relevantes para a etapa de desenvolvimento dos alunos. É importante, também, trabalhar no ensino de leitura explorando conceitos, procedimentos e atitudes que caracterizam esse processo, para que o aluno possa participar, essencialmente, de forma ativa, da construção dos sentidos do texto. Assim, ele se torna produtor de reivindicações, ou seja, torna-se leitor crítico do que lhe interessa no texto lido, objetivo maior do ensino de leitura.

Além disso, o papel central que o professor desempenha no desenvolvimento da identidade social nas práticas de leitura depende da sua posição como mediador nas interações em sala de aula e no papel de protagonista que desempenha no espaço-tempo da escola. Trabalhar com a leitura reflexiva e dialógica exige criatividade e persistência do professor, à medida que ele abre o espaço.

Por todas essas razões, a leitura é importante no currículo escolar. É requisito fundamental para exercer plenamente a cidadania. Torna-se relevante o apropriar-se da linguagem escrita, participar da sociedade letrada em que se insere, tornando-se leitor e produtor de textos. Mesmo que não tenha de escrever livros ou gêneros do discurso complexos, certamente, o sujeito precisará ler muito para compreender as ações dos pares e agir proficientemente com a linguagem.

Suzana dos Santos Gomes¹⁰

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

¹ GOMES, Suzana dos Santos. Práticas de Leitura no Currículo Escolar. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, n. 63, p. 221-236, jan./mar. 2017, p. 221-236. Acesso mar. 2017. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/educar/issue/view/2115/showToc>

² VYGOTSKY, Lev. Semenovitch. *A construção do pensamento e da linguagem*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1934/ 1993.

³ AMORIM, Galeno. *Retratos da leitura no Brasil 2*. São Paulo: Imprensa Oficial: Instituto Pró-livro, 2008. 232p.

⁴ ASSUMÇÃO, Jéferson. Leitura cultural, crítica ou utilitária. In: AMORIM, Galeno. *Retratos da leitura no Brasil 2*. São Paulo: Imprensa Oficial: Instituto Pró-livro, 2008, p. 83-94. 232p.

⁵ LÁZARO, André.; BEAUCHAMP, Jeanete. A Escola e a formação de leitores. In: AMORIM, Galeno. (Org.). *Retratos da leitura no Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial: Instituto Pró-Livro, 2008. p. 73-94.

⁶ FAILLA, Zoara. (org.). *Retratos da Leitura no Brasil 3*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2012, 344 p. NTEIRO, Marcos Antônio. Apresentação. In: FAILLA, Zoara. (org.). *Retratos da Leitura no Brasil 3*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2012, p. 1.

⁷ MONTEIRO, Marcos Antônio. Apresentação. In: FAILLA, Zoara. (org.). *Retratos da Leitura no Brasil 3*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2012, p. 1-2.

⁸ PANSA, Karine. Fazer do Brasil um país de leitores é o nosso desafio. In: FAILLA, Zoara (org.). *Retratos da Leitura no Brasil 3*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2012, p. 3.

⁹ FAILLA, Zoara. (org.). *Retratos da Leitura no Brasil 4*. Rio de Janeiro: Sextante, 2016. 296 p.

¹⁰ Doutora em Educação. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FaE/UFMG), Brasil. E-mail: suzanasgomes@fae.ufmg.br